

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

CULTURA ORAL E SEUS PROCESSOS MNEMÔNICOS

MARILENE MEIRA DA COSTA

RESUMO:

É difícil pensar em se memorizar um texto ou até mesmo uma história, sem o recurso da escrita.

Mais difícil ainda, é imaginar como um povo de cultura oral primária, isto é, aquele que desconhecia totalmente a escrita e sequer imaginava a possibilidade dela, fazia memorização e mantinha viva a sua história.

A oralidade primária representa um período histórico da humanidade, onde não existia nenhum modo de registro de representações verbais para uma utilização futura, que não fosse a mente. Para que houvesse a comunicação, todos deveriam, necessariamente, partilhar o mesmo espaço e tempo. E essa, se fazia diretamente entre emissor e receptor sem haver registros escritos.

Ong (1982 e 1988) em seus estudos concluiu que numa sociedade de oralidade primária, a forma de memorização se dava com a repetição e que os recursos para facilitar esse processo baseavam-se em manter os textos orais com a mesma estrutura. E como a memória é de pessoas vivas, a narrativa era a forma de saber predominante, unificando assim, o pensamento do homem da época.

O estudo sobre os processos mnemônicos numa cultura unicamente oral tem por objetivo trazer à luz reflexões sobre a diferença entre a memória oral e a memória escrita e como o homem se transformou a partir do advento da escrita.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Introdução

De acordo com a Psicologia Cognitiva, existe a memória do inconsciente, aquela formada das lembranças da infância. E várias correntes psicanalíticas afirmam que podemos identificar tipos de memória, entre elas está a memória de hábito – reproduzida automaticamente; a memória lógica – que só armazena os dados mais importantes, considerada a do trabalho, que mobiliza a atenção; e a memória mnemônica – que auxilia a memória de hábito e se desenvolve por meios de processos de combinação e associação de idéias. Ela é usada, por exemplo, quando lemos um número de telefone e o anotamos mentalmente, e até mesmo repetindo-o, até que o tenhamos discado no aparelho. Esta repetição parece ser a melhor estratégia para reter informações em um curto prazo.

Quando uma informação surge diante de nós, devemos construir uma representação do mesmo com o intuito de gravá-lo e quanto mais complexas e numerosas forem as associações, melhores são as performances mnemônicas.¹

Baseando-se nos conceitos acima de memória, será que podemos imaginar como se processavam as informações e o conhecimento nos povos onde a escrita era totalmente ignorada? Não é uma tarefa fácil, principalmente porque não se pode mais ter contato com usuários dessa cultura e é improvável que haja uma cultura de orali-

¹ Informações consultadas em WILSON, John Rowan e os editores de LIFE. A Mente – biblioteca científica LIFE. Rio de Janeiro: José Olympio.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

dade primária pura no mundo de hoje, em que a cultura escrita se efetiva. O que nos faz acreditar que até mesmo uma comunidade ágrafa (aquela para cuja língua não se desenvolveu uma escrita) já não faz mais uso de uma oralidade primária em si, porquanto a possibilidade de contato com uma comunidade em que a escrita se efetiva é uma realidade.

O próprio Ong (1998) assim afirmou:

As pessoas imersas na cultura escrita apenas com grande esforço conseguem imaginar como é uma cultura oral primária, ou seja, uma cultura sem qualquer conhecimento da escrita ou sequer da possibilidade dela. (ONG, 1998, p.41)

De acordo com Ong, “a cultura oral não possui textos” e a mudança da cultura oral primária para a cultura letrada, modificou por completo o pensamento e a linguagem humana a ponto de ser impossível imaginar como eram os sons da comunicação na antiguidade.

Numa cultura oral, a redução das palavras a sons determina não apenas os modos de expressão, mas também os processos mentais. (*Idibidem*, p.44)

Antes, as palavras não possuíam imagem visual, pois tinham forma apenas por significados orais, mesmo que os objetos se apresentassem visualmente. Depois do advento da escrita, oralidade e escrita misturaram-se, e os povos detentores desta nova modalidade

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

esqueceram-se de pensar nas palavras como orais, mas como assimiladas a coisas, assim o próprio autor afirma.

A memorização na cultura oral

Convém, primeiramente, entendermos o que venha a ser uma cultura de oralidade primária. Somente depois de caracterizada, poderemos elucubrar acerca dos processos mnemônicos, ou seja, o processo de memorização oral.

A presença ou ausência de certas técnicas fundamentais de comunicação permite classificar as culturas em algumas categorias. Ong em seu livro *Oralidade e Cultura Escrita*, aborda dois tipos de cultura a de “oralidade primária” e a de “oralidade secundária” e designa como “oralidade primária a oralidade de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou impressão”.

Algumas representações atendem a critérios que têm mais chances de sobreviver nas culturas essencialmente compostas por memórias humanas: 1) as representações interconectadas entre elas, o que exclui listas e envolve relação de causa e efeito; 2) as representações referentes à inteligência, que era medida pela capacidade de memorização dos conhecimentos, e esta, ligada à memória auditiva que se fazia pelo conteúdo emocional da informação e aos domínios do conhecimento concreto e familiar, que possam ligá-los a esquemas preestabelecidos, estas representações estavam ligadas ao sujeito

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

em si e quase sempre mantinham laços estreitos com “problemas da vida”, do dia-a-dia e concretos que o levava a relacionar causas e efeitos, e fortemente carregadas de emoção. Essas conveniências de informações levavam à memorização, da qual a probabilidade de sobreviver por gerações era bem maior. Era necessário repetir oralmente o conhecimento para que fosse reutilizado, evitando assim o esquecimento.

As fórmulas ajudam a implementar o discurso rítmico, assim como funcionam, por si sós, como apoios mnemônicos, como expressões fixas que circulam pelas bocas e pelos ouvidos de todos. (*Idibidem*, p. 45)

O registro do conhecimento era apenas mnemônico, e sobrevivia com apelo a narrativas dramáticas, agradáveis de ouvir, contendo uma importante carga emotiva e acompanhada de rituais, condições *sine qua non* da perenidade em uma cultura oral.

Acabamos de enumerar algumas características que parecem essenciais aos membros de uma sociedade que possui apenas os recursos de sua memória para reter e transmitir as representações necessárias para ter longa duração. As culturas orais exploravam ao máximo o único instrumento de inscrição de que dispunham, a memória.

Ong chama atenção para o fato de que antes do aparecimento da escrita, e em particular antes do aparecimento da impressão, os indivíduos não tinham noção de um referencial de tempo que não estivesse ligado as suas vidas. O calendário começava com o nasci-

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

mento e terminava com a morte, reiniciando-se ciclicamente em cada geração.

Para que se fizesse a comunicação, como o único recurso era o oral e não se dispunha de outra forma de representação dessa oralidade para uma utilização futura, havia a necessidade de se partilhar o mesmo espaço e tempo formando assim um triângulo entre o emissor, quem detinha a experiência do passado, a situação presente onde o conhecimento era recordado e o receptor que é quem vai manter viva a cultura recordada, corroborando com Ong em suas afirmações de que as fontes orais são resultantes de um trabalho de memória. Dessa forma, estas narrativas eram transmitidas de geração em geração.

As culturas orais não são marcadas pela originalidade do conteúdo de seus discursos, uma vez que são repetitivos, mas há personalidade com relação à intenção e à interação no momento das narrativas que se fundamentam no cotidiano.

Outro aspecto importante em relação à oralidade diz respeito à capacidade de recordar. O que pode ser inscrito na mente e como? Como uma cultura oral organizava as informações para serem recordadas e divulgadas futuramente, se não dispunham de nenhum registro tipográfico?

A existência de diferentes processos de construção e reprodução do conhecimento, em sociedades não tocadas pela escrita, que caracterizam o discurso, o pensamento e a expressão da oralidade primária são evidenciados por Ong como ações da memória oral.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Esses processos têm uma inclinação mais conservadora e próxima aos hábitos do cotidiano, entendendo que nasceram de competências puramente naturais.

Os participantes das culturas de oralidade primária não apresentavam nenhum recurso além do próprio pensamento e da fala, apoiavam-se numa formulação capaz de padronizar o conhecimento e recuperar o pensamento para que estes não se perdessem, e, esses padrões eram articulados com a estratégia da repetição constante que só se concretizava pelo recurso de frases prontas e curtas, o denominado clichê,² com ritmo, equilíbrio, provérbios, figuras de linguagem etc.

Em uma comunidade oral, algo não padronizado, não formular, que não seja periodicamente retomado e repetido em voz alta, não mnemônico, nunca seria recuperado, está condenado a desaparecer. Entendemos com isso não haver possibilidade da utilização desses recursos para recordar ou elaborar fórmulas matemáticas, por exemplo.

A memória verbal também não ocorria simplesmente num contexto apenas verbal, sofria interferência do meio, somando-se a ela modificações de uma circunstância existencial que envolvia também o corpo.

Em toda cultura oral, seja ela ágrafa ou não, o pensamento é padronizado e curto, facilitando muito mais a fixação. Logo, pode-

² Clichê – frase ou idéia banalizada por repetição excessiva. Definição do dicionário Houaiss.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

mos concluir que esta era uma cultura limitada, incapaz de elaborar fórmulas matemáticas, baseando-se apenas no manejo da linguagem e ligada somente a idéia de acontecimentos sucessivamente repetitivos, com marcação temporal circular.

Concluindo, podemos entender que há uma enorme diferença entre a memória oral da memória textual, isto porque, para se fazer a memória oral, necessita-se de acumular componentes, como gestos e expressões corporais, entre outros o que na escrita é dispensável.

Numa cultura oral só é conhecido o que é recordado, tornando assim, o conhecimento limitado. Pensar é comunicar-se, e para elaborar um discurso devidamente articulado, o orador necessita estabelecer o seu pensamento num registro memorizado e trabalhado de forma a recorrer ao mesmo, sempre que necessitar. Os entendimentos e expressões desenvolvem-se com estruturas personalizadas e menos introspectivas, comuns entre as culturas de oralidade secundária.

Ong considera que na cultura oral primária, onde a palavra só existe pelo som sem referências textuais e conseqüentemente sem referência visual, o som é o sentido humano mais interiorizado, sendo, por isso, o principal responsável pela “psicodinâmica da oralidade”.

Esse tipo de cultura agrupa pessoas, diferente da cultura secundária quando nos baseamos no fato de que o emissor e o receptor encontram-se distantes um do outro.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

É importante ressaltar a importância da transmissão oral no conhecimento da humanidade como preservação da cultura, pois a narrativa é uma fonte para divulgar saberes através dos séculos.

A interação com o público vivo pode interferir ativamente na estabilidade verbal: as expectativas do público podem contribuir para a fixação dos temas e das fórmulas. (*Idibidem*, p. 80)

As culturas orais produzem sons artísticos valiosos impossíveis as mentes letradas, onde os processos cognitivos originam-se não de capacidades naturais, mas da organização estrutural dessas capacidades.

Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo

Referências Bibliográficas

HOUAISS, Antonio e VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed., rev. e aum., Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

ONG, W. J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Trad. de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

TUDO – dicionário enciclopédico ilustrado. São Paulo: Abril Cultural, v. 2

WILSON, John Rowan. *A Mente* – biblioteca científica LIFE. Rio de Janeiro: José Olympio.